



**Wateau Fabienne, 2003 – ” Luz, Viviam num vale ”, in
Carlos Soares, Tempo habitado, Lisboa : 76-77**

Fabienne Wateau

► **To cite this version:**

Fabienne Wateau. Wateau Fabienne, 2003 – ” Luz, Viviam num vale ”, in Carlos Soares, Tempo habitado, Lisboa : 76-77. texte pour un ouvrage de photographies. 2003. <halshs-00509956>

HAL Id: halshs-00509956

<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00509956>

Submitted on 17 Aug 2010

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



TEMPO **HABITADO** aldeia da luz [1999-2003]

FOTOGRAFIA
CARLOS SOARES

TEXTOS
ALBERTO CINZA
FABIENNE WATEAU

LUZ [VIVIAM NUM VALE]

Viviam num vale, vivem agora num relevo; bebiam a água do poço velho, bebem agora a da rede pública; eram feitos da memória de uma terra, continuam juntos o rasto e o destino dum povo, noutra sítio, noutra futuro. Luz, acordada com a força da sua juventude, numerosa, animada, alegre, e com a paciência dos seus mais velhos, na esperança medida que permite superar as decisões alheias que transtornam uma vida, encara lúcida e calma o irreversível. Mistura de orgulho e de resignação, não queriam mudar mas mudaram.

Luz 2003. A vida continua nas casas novas, no alinhamento perfeito das ruas, nas infra-estruturas modernas e adaptadas a uma população mais numerosa. Para além da dor que acompanha o processo, a trasladação dos mortos e do cemitério, a procissão do adeus à velha aldeia da Luz com o transporte ao ombro das imagens até à nova capela, e a mudança do povo todo, claro, Luz tem uma história nova para construir.

As fotografias de Carlos Soares souberam captar o tempo que passa, na aldeia velha, mesmo antes que chegasse a grande mudança. Ao longo do tempo, durante quatro anos, simultaneamente discreto e presente, Carlos Soares soube estabelecer uma relação sensível com as pessoas, daquelas que permitem partilhar o quotidiano, participar nas festas e perceber as suas intensidades, comer o touro festivo da comensalidade luzence e seguir as procissões, momentos importantes das reuniões aldeãs. Durante quatro anos, encontrámo-nos na aldeia, por ocasião dos eventos que reúnem toda a população, no final do Verão, mas também no Inverno, quando nada de especial acontece, para descobrir ainda outros ritmos, uma vida marcada pelas actividades agrícolas, a caça, o café, a escola. Também ele vivia na aldeia, nas casas compridas de chão de xisto, para tentar compreender a alma do lugar e viver, por dentro, o dia a dia dos seus anfitriões. Foi sem dúvida a aprendizagem desta convivência que deu o enfoque certo às suas fotografias, o de uma vida simples e modesta, por vezes dura, do Alentejo rural e interior.

Esta discrição e esta sensibilidade transparecem nas imagens que ele aqui nos oferece, através da perspectiva escolhida para nos falar da Luz,

privilegiando as vistas de longe, os ângulos que nos dão a ver as ruas da aldeia e os seus habitantes nos seus gestos mais anódinos. A distância e a profundidade, provavelmente, do seu respeito pelos moradores. E é aí que lemos à escala do tempo, estas crianças que crescem e que encontramos de novo, na fotografia seguinte, de cigarro na mão, aquelas que se juntam aos mais velhos para aprender deles os segredos da caça, ou orgulhosos por levarem a caçadeira do avô, ou ainda no meio dos adultos a entoar, alegres, os cantos alentejanos. É uma questão de gerações, de transmissão, do tempo que passa, o que quer que aconteça e, de certa forma, de optimismo.

Há também as pessoas de idade, no centro de dia, na soleira das portas varrendo a rua e conversando com os vizinhos, ou retiradas em casa, mais pensativas, mais sós também, talvez receando o que irá ser delas quando tiverem de abandonar a casa.

Também a mudança é captada de modo delicado, através da imagem de um camião reflectida na montra de um café, das cadeiras viradas sobre as mesas da Sociedade, que já não serão utilizadas, ou empilhadas na ruas, prontas para serem queimadas, quando se pôde aproveitar das economias e da mudança para comprar mobiliário novo. A não ser que seja a imagem do largo, com duas pessoas desfocadas no ar do tempo, deixando apenas transparecer as suas essências, que melhor traduza esta ausência e esta mudança, esta transição para outros lugares e outras realidades.

Não se pode falar da Luz, precisamente, sem evocar as cadeirinhas nas quais as pessoas se sentam ao fresco, na rua, ao pé da casa, e que nos são amavelmente oferecidas para partilhar um momento de conversa ou os silêncios do serão. Estas cadeirinhas que, antigamente, serviam para a costura, para ter o trabalho a jeito sobre os joelhos sem vergar as costas, para que as mulheres, sempre activas, de manhãzinha até à noite, depois do trabalho nos campos, bordem as toalhas e os naperons que adornariam os seus móveis. Havia algumas costureiras famosas na aldeia, que se encarregavam da confecção de roupa de trabalho e roupa de festa, utilizando máquina de costura de pedal, depois

eléctricas, ou simples agulhas. O hábito não se perdeu completamente pois vemos ainda, nas fotografias, mulheres ocupadas a bordar ou a coser, ou dentro de casa, algumas delas a decorar tapetes ou colchas.

As mulheres também vão à água – ou mandam lá os filhos ou os maridos. Ao fim do dia ou logo pela manhã cedo, enchem-se garrafões de plástico no velho poço. Aí se fazem reservas de água para vários dias e se encontram, por exemplo, o Marco, a criança surpreendida pelo fotógrafo, ou os vizinhos ou ainda, ao fim de semana, os moradores das aldeias vizinhas que também vêm de carro fazer as suas reservas para a semana. É que o Poço Velho era famoso na Luz. Para lá chegar, era preciso seguir pela Travessa do Tanque, à saída da aldeia, que conduzia às hortas, algumas com cortiços, outras com romãzeiras, amendoeiras, laranjeiras, limoeiros; chegava-se então ao olival do Tio João, e por fim, mais adiante, ao lavadouro municipal. No velho poço, ainda era necessário dar à bomba para jorrar aquela água de qualidade que todos preferiam à da rede pública, canalizada, do depósito. Na aldeia nova, não vai haver mais hipótese de dar à bomba, na medida em que não foi encontrada nenhuma toalha freática. Doravante, a água da aldeia será a água da albufeira. Claro que a fonte do largo da escola foi reconstruída, mas a sua água provém do depósito; a fonte Santa, junto da igreja, onde a Virgem Maria teria lavado sobre a pedra inclinada as fraldas do Menino Jesus, não mais filtrará as águas doces e pluviais da Primavera.

É o cúmulo da Luz: ter sido alagada pela água e já não ter tão boa água.

Para os homens, o ponto de encontro é basicamente o café onde sentados à mesa jogam às cartas, folheiam o jornal, conversam ou param simplesmente uns instantes para beber umas cervejas antes de regressarem a casa, descansando do seu dia de trabalho, pensando talvez nas terras expropriadas e ao que irá acontecer aos seus animais. O café é o espaço masculino de sociabilidade, aquele em que se partilha o seu tempo com o vizinho, neste mesmo espírito de sossego e descontração, de saudades, talvez, para passar o tempo, para se abrigar do sol, para gozar do ritmo calmo e lento da aldeia. Havia cinco cafés na antiga aldeia, o Carlos frequentou-os todos.

As mulheres não são uma presença habitual, mas podem lá ir tomar um café depois do almoço ou passar umas horas com os maridos ao sábado, a não ser que lá passem para discutir com eles – como na fotografia, na Sociedade – ou vão buscá-los para os trazer para casa.

Na arena, que aqui é quadrada, os homens novos e adolescentes exercitam-se ao jogo, como também ao medo e à coragem. O touro acabará sempre no prato, esquartejado depois da sua prestação na areia, mas será preciso primeiro afrontá-lo, cansá-lo, segurá-lo pelos chifres e pelo rabo, e sobretudo mostrar que a festa é muito mais bela quando há touros, santos padroeiros a venerar, procissões a acompanhar, música e bailes para dançar. Neste ambiente festivo, tão apreciado pelas pessoas da Luz, o padre de megafone ladeia o touro de lide, e a cerveja de barril os foguetes de cana. A banda a tocar e o sino a tanger, as meninas de vestido novo e os homens de andor ao ombro, as sardinhas no prato como o frango assado à beira do rio, são os sons, os cheiros e as cores da festa aldeã.

Será que se deve terminar com a fotografia daquela porta, fechada, no n.º 13 da Rua Dr. Sá Carneiro onde vivia o Carlos com os seus anfitriões, que nada deixa adivinhar da história da aldeia, senão o papelinho colado e já usado, onde se pode ler: Entregar Correio na Loja da Adelina. Mensagem deixada ao carteiro, que também terá que se adaptar à mudança e reencontrar, aos poucos, os destinatários das suas cartas, instalados nas suas casas novas, em ruas novas, em novas vizinhanças. A menos que seja a fotografia que nos deixa ver um marco de propriedade, ao longe e depois muito mais ao perto, marcado com um F, a partir do qual só podemos especular o significado, que venha a dar o tom da conclusão. O F do fim de uma aldeia, hoje desmontada e submersa, como o F de um novo devir a pensar, de um futuro a construir e a descobrir.

Aos habitantes da Luz, que esta grande mudança traga um renovar feliz.

FABIENNE WATEAU